



*Um Sicário em Kassel: o trabalho sujo contemporâneo revelado por Aníbal Lopez*, de Henrique Costa, é o terceiro número da série URGENTE. O texto foi escrito em 2018 quando a obra de Aníbal Lopez estava sendo exposta na 33ª Bienal de São Paulo. Entre os trabalhos instalados em três salas, estava o vídeo *Testimonio* (43'39") onde um matador de aluguel conta como era sua atividade para uma plateia majoritária de europeus cultos e bem-nascidos.

*Testimonio* foi o projeto que Aníbal Lopez apresentou, originalmente, na 13ª. dOCUMENTA de Kassel, em 2012, onde expõe a realidade da Guatemala através da experiência de um matador profissional. A ação aconteceu no Ständehaus de Kassel, em formato de conferência, onde o público era livre para encaminhar qualquer pergunta ao jovem guatemalteco, que se doou, por uma taxa, através da mediação de Aníbal Lopez, para ser entrevistado na condição de anonimato.

É importante destacar que o Ständehaus era um espaço que constituía uma espécie de parlamento, tendo sua origem ligado a estrutura medieval que existia em cada cidade ou região na Alemanha. O prédio atual do Ständehaus de Kassel foi construído em 1834, quando o estado de Hessen ainda era um principado, e simboliza um caminho à representação democrática. Cada cidade ou associação, que poderia ser uma associação de artesãos, comerciantes, etc., podia ter seu "Stand". Conforme as estruturas políticas se alteravam, a função do Ständehaus de Kassel também se transformava, mas sempre se mantendo como uma instituição pública e de função representativa.

Como sabemos, na Segunda Guerra Mundial a cidade de Kassel foi praticamente destruída por bombardeios e o prédio do Ständehaus não ficou incólume. Coincidências à parte, os arquitetos responsáveis pela reforma nos anos 1950 foram os irmãos Bode, Paul e Arnold Bode, sendo que este último, foi o curador das primeiras edições da dOCUMENTA. Na época, a sala de conferências, que havia sido totalmente destruída, ganhou um projeto exclusivo, e o restante se manteve com o conceito da arquitetura original. Em 2011, o espaço passou por grandes reformas, a sala de conferências com foyer ficou disponível para aluguel, eventos e etc. Foi ali que a artista espanhola Dora García, como uma espécie de "Stand" dos artistas, instalou o trabalho *Klau Mich: O Radicalismo na Sociedade Encontra Experimento na TV*, em que durante os cem dias da dOCUMENTA, todas as sextas-feiras, transformava-se em um programa de debates, transmitido ao vivo pela Internet. Segundo Dora García, *Klau Mich* (que em alemão significa "me roube") era uma tentativa de recuperar a verdadeira atmosfera do debate público, através de novas formas de teatro narrativo e experimental e maneiras de desafiar os telespectadores, como há muito tempo atrás eram transmitidos pela televisão pública.

*Como explicar a 13ª. dOCUMENTA a uma sociedade morta* é o título que Ángel Calvo Ulloa intitula o texto que escreve sobre essa exposição, considerada um dos maiores eventos de arte contemporânea do mundo. Foi nesse contexto, naquele “Stand”, trazido de volta em funcionamento, que o sicário começou a contar sua história, sua profissão, dando informações gerais sobre o país de onde veio, a Guatemala, um lugar com alta taxa de corrupção e crime e sem uma democracia substancial. As perguntas do público, sucedidas em um momento posterior, mostravam o desconhecimento brutal sobre o que é estar entre os cinco países mais violentos das Américas, desigual e assolado por uma crise interminável gerada pela guerra civil, pelo narcotráfico e pela dependência externa. Questões como: por que você faz isso? Como você se sente quando mata alguém? Você tem medo do trabalho que você faz? O que o levou a praticar essa profissão? revelaram o quanto a elite cultural presente em Kassel é alienada em relação a realidade do Hemisfério Sul. Enquanto procurava abonar o indivíduo ali, em sua frente, a partir de todo o tipo de explicação sociológica, a estrutura geral delineada pelo jovem matador era a de afirmar que em seu país matar é simplesmente uma maneira de ganhar a sua subsistência, um trabalho que não é condenado socialmente e que foi forçado a isso devido às condições de uma vida altamente precária.

O trabalho de Aníbal López é um oásis, como bem frisado por Henrique Costa em seu texto, preciso em apontar que tal qualidade é atribuída “não apenas para a arte contemporânea, mas para a reflexão política neste novo tempo do mundo, aquele em que a urgência instituída pela compressão do tempo-espço exterminou as perspectivas de futuro da maior parte da humanidade”. Capaz de acreditar, inclusive, que o público, presente naquele “Stand”, “tenha tido sua cota de espanto com o horror vivido no ‘terceiro mundo’, mas nem por isso tenha deixado de dormir confortavelmente naquela noite, entendendo aquilo como uma exceção à sua regra”. Não seria em Kassel que haveria de ter espaço para a lógica normativa entre o sicário e seu boquiaberto público. Como nos disse Enrique Vila-Matas após seus dias de escritor-residente nesta dOCUMENTA: “se a Europa estava morta, a arte do mundo estava muito viva e, sem dúvida, era a única janela aberta que restava”.

---

Agradeço a generosa participação de Marcio Harum que trouxe informações preciosas sobre o trabalho de Aníbal Lopez e de Dora Garcia, no lançamento desta publicação, na Loplop Livraria, em São Paulo. Estendo também os agradecimentos para Tina Merz que trouxe detalhes importantes sobre o Ständehaus de Kassel, e à Gabi Bresola que me acompanha nessa experiência com a par(ent)esis com suas sugestões sempre certas.